

A COMUNIDADE ZABUMBA EM SÃO LUÍS DO MARANHÃO: UM ESBOÇO DE SUA CONFIGURAÇÃO SOCIOECONÔMICA

Luana Tereza de Barros Vieira Rocha^()*

RESUMO

O trabalho vem propor a compreensão dos elementos fundantes que condicionam a criação de grupos de bumba meu boi de sotaque de zabumba em São Luís do Maranhão. Nesse percurso, o estudo vem salientar a vida de homens e mulheres de origem rural, agora moradores dos centros urbanos na capital do Maranhão, São Luís, que juntos expressam seu modo de vida através de seus bumbas. Será dito as relações dinâmicas entre os integrantes, os possíveis envolvimento com dirigentes e grupos políticos, como também, os inúmeros mecanismos que os produtores da cultura popular realizam para manter seus grupos juninos existentes.

Palavras-chave: Bumba meu boi de sotaque de zabumba. Migração campo cidade. Poder político.

INTRODUÇÃO

O bumba meu boi compreendendo sua configuração econômica, criado e recriado no determinado contexto social por homens e mulheres produtores da expressão cultural. Busca-se saber também, os elementos que levaram líderes e brincantes de bumba meu boi de sotaque de zabumba localizados no interior do estado do Maranhão a mudar-se desse espaço físico rumo à capital, bem como, as relações destes em São Luís expressas nos atos de cooperação, criatividade, territorialidade e identidade.

A cidade de São Luís, capital do estado do Maranhão, já possui o título de Patrimônio da Humanidade desde dezembro de 1997, dado pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco). Essa nomeação deu-se devido ao significativo aporte físico e arquitetônico contido na dada localidade, fruto da colonização de povos europeus (no caso, Portugal) que aqui vieram, bem como, por deter um centro produtor e conservador de bens culturais. Conforme Couto (2003), a cidade é:

Dona de uma história peculiar por apresentar maior extensão de arquitetura fora da Europa, constituída pelos portugueses ou por sua influência apesar de fundada por franceses em 1612 e invadida pelos holandeses. São Luís sempre teve nas manifestações culturais uma forte característica [...] Europeus, índios – com destaque os

^(*) Graduada em Serviço Social pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), onde também se doutorou em História. É pesquisadora em cultura popular, em específico, bumba meu boi de sotaque de zabumba no governo Roseana Sarney (1994 a 1998) desde 2004 e integrante até 2008 no Grupo de Estudo sobre Política, Lutas Sociais e Ideologias (Gepolis) pelo curso de Ciências Sociais na UFMA.



tupinambá que já habitavam a região desde antes da ocupação – e africanos, vindos para o país como mão de obra escrava, determinarem as interações raciais e culturais que fazem da capital maranhense um verdadeiro celeiro de manifestações populares. (p. 12).

O resultado dessas interações foi à gestação de inúmeras linguagens culturais da culinária às representações artísticas como:

O Tambor de mina, Tambor de crioula, o bumba meu boi, a Dança do lelê, o Cacuriá, ligados às festividades Juninas, a Festa dos pastores, o Cordão de reis, a Festa do divino, de cunho religioso, os Fofões, os Blocos tradicionais, a Casinha da roça. A brincadeira do urso e as Tribos de índio, praticados no período de carnaval (COUTO, 2003).

No contexto dessa diversidade cultural, criada e recriada historicamente por homens e mulheres de distintas idades e possuidoras de experiências adquiridas cotidianamente, destacou-se para este estudo, o bumba meu boi de zabumba, praticado na capital do Maranhão, São Luís.

O bumba meu boi tem a sua gênese no período do ciclo econômico do gado, no Brasil, século XVIII, na região Nordeste, nos arredores de vários rios, dentre esses o rio São Francisco. O seu cenário histórico foi o universo social urdido pelas contradições oriundas da economia e costurado pela cultura política baseada no mandonismo local e no clientelismo, produzindo concepções, identidades, relações mútuas de ajuda, conflitos e laços territoriais entre os sujeitos envolvidos.

Além desses elementos históricos têm-se as lendas e crenças – como o sebastianismo, o boi querido e dançante de São João ou o famoso desejo de grávida de Catarina, mulher do negro Chico, no qual, gera todo o enredo festivo – as quais, na maioria das vezes, louvam determinadas entidades religiosas, como também, a existência de sátiras acerca da realidade na qual os produtores culturais estão inseridos e reproduzindo-se cotidianamente. Assim foi elaborado todo um processo organizativo, complexo que possibilita o entendimento do sentido das relações entre os sujeitos que vivem essa realidade. Neste caso, o bumba meu boi de sotaque de zabumba. Nestes termos, lida-se com a perspectiva de que a linguagem cultural do bumba meu boi é promovida, construída e reconstruída em todo processo temporal e espacial histórico, no qual os seus envolvidos se compreendem por meio de leis, signos, crenças e símbolos.

O bumba meu boi é a dança típica da localidade onde o boi é tomado como símbolo originário de todo o enredo festivo. No sotaque de zabumba isto é muito evidenciado, pois na própria história criada, o referido animal é o centro desencadeador do enredo. Assim, homens e



mulheres articuladores do bumba meu boi de sotaque de zabumba são originários de cidades do estado do Maranhão, que migraram para a capital em busca de melhores condições de vida como emprego, habitação de qualidade e educação. Dessa maneira, mesmo residindo em São Luís, o que é evidente são as relações com a terra natal em que são predominantes os traços com a identidade étnica – haja vista, que a maioria advém de áreas consideradas, hoje, como remanescentes de quilombos; portanto, descendentes de africanos escravizados no passado colonial brasileiro e, lógico, maranhense.

Diante dessa realidade, faz-se o estudo sobre como os sujeitos produtores da cultura popular maranhense, no caso, o bumba meu boi de sotaque de zabumba localizado em São Luís atuaram no processo de migração campo-cidade e como trouxeram consigo os laços culturais desenvolvidos em sua terra natal. Dessa mudança não apenas espacial, mas também subjetivo, no sentido de que, a cultura traga também transformações no que concernem as novas relações humanas agora expressas na união desses brincantes, os conflitos, as desagregações, as criações de novos grupos e também, a dinâmica cotidiana construída historicamente.

Toda essa realidade em questão é fruto de pesquisa iniciada em 2003 em que seis grupos juninos de sotaque de zabumba¹, localizados em diferentes bairros de São Luís, em que puderam brilhantemente expor fatos do cotidiano de seus grupos.

O trabalho tem por direção metodológica a compreensão dialética da realidade por entender que, as relações criadoras dessa expressão cultural provêm de realidades ideologicamente contraditórias, materializadas no cotidiano de grupos sociais antagônicos. Historicamente determinados em que buscam atender seus interesses, bem como, defender suas ideias e criações no jogo dinâmico do tempo e da história.

¹ Antônio Fausto Silva (seu Fausto), liderança do bumba meu boi de sotaque de zabumba Unidos Venceremos, localizado no bairro São Cristovão.

Canuto Santos (seu Canuto), liderança do bumba meu boi da Vila Passos, localizado no bairro da Vila Passos.

Maria da Paes dos Santos (dona Maria da Paes), liderança do bumba meu boi Mimo de São João, localizado no bairro da Ivar Saldanha.

Therezinha de Jesus Jansen (dona Therezinha Jansen), liderança do bumba meu boi de sotaque da Fé em Deus, localizado no bairro da Fé em Deus.

Raimundo de Freitas (seu Mundiquinho), liderança do bumba meu boi Sempre seremos Unidos, localizados no bairro de Fátima.



A MIGRAÇÃO CAMPO-CIDADE: FUGA DO CAMPO, VIDA DURA NA CIDADE

Sabe-se que, historicamente, inúmeras parcelas populacionais localizados nas áreas rurais se deslocam rumo às cidades. As razões são inúmeras que provém do interesse pessoal de migrar ou fatores que consideram elementos sociais mais complexos como a economia, a política, dentre outros.

O caráter motivante da migração campo-cidade provém da seguinte ideia sugerida por Andrea e Junior (s/d, s/p): “as migrações campo-cidade são caracterizadas através de fatores de expulsão e fatores de atração correlacionados com o modo de produção capitalista que desemprega no campo e cria esperança de trabalho na cidade”. Seu Fausto² expressou essa necessidade relatando fatos de sua juventude. Ele migrou de sua cidade natal, Guimarães, rumo a São Luís, em busca de melhores condições de vida. Assim como ele, vários homens e mulheres fizeram esse percurso no intuito de fugir de restrições enfrentadas no campo.

Mas quais as razões que ocasionaram essas dificuldades? Acredita-se que elas decorreram de todo o percurso histórico de cunho econômico e social que determinaram essas práticas humanas. A priori, o mundo rural brasileiro, tanto do início do século XX quanto ao seu término, sofreu mudanças significativas.

Marcon (2009) reflete que “associadas à recriação em escala ampliada da hierarquia e da desigualdade que caracterizam tal universo desde o início da colonização” desencadeou todo um trajeto de homens e mulheres para as cidades deixando a precariedade vivida no campo, espaço físico este em que se encontrava a economia brasileira em séculos anteriores. Isto implicar dizer que, todo esse processo decorre da estrutura desigual em que foi formada a sociedade brasileira e isto não mudou no século passado:

No início do século XX, o espaço físico e o poder social encontravam-se concentrados nas mãos dos detentores de grandes plantações voltadas para cultivos destinados aos mercados internacionais, particularmente à Europa e aos Estados Unidos da América. Produtos como café, cana-de-açúcar, algodão, borracha, cacau, fumo eram responsáveis por mais de 85% das exportações brasileiras. (MARCON, 2009, s/n).

Marcon (2009) apesar de se referir a uma realidade macro que é o Brasil, ou seja, os fatos a nível nacional que motivaram a migração campo e cidade, suas ideias são úteis para explicar a

² Informação fornecida por Antônio Fausto Silva, do bumba meu boi de sotaque de zabumba Unidos Venceremos, em maio de 2010.



realidade maranhense vivida por lideranças e brincantes de bumba meu boi de sotaque de zabumba. Segundo o autor, o cenário social estava representado por senhores de engenho em que emanavam ordens das casas-grandes, e posteriormente, de usineiros ou fazendeiros que recrutavam mão de obra e nestas ditavam formas variadas de dominação nos moradores de engenho, dos colonos de café ou agregados e vaqueiros do interior do país. O mundo rural, portanto:

Era onde se concentrava a maior parte da população – para se ter ideia, em 1940, 70% da população residia no campo. Contudo, as regiões de grande lavoura não eram interligadas e articuladas de forma a constituírem circuitos econômicos interdependentes. Para se deslocar das regiões onde o café predominava, como em São Paulo e no Rio de Janeiro, para as áreas cacauceiras da Bahia, ou para as áreas canavieiras de Pernambuco, o meio de transporte que se impunha era a navegação de cabotagem que implicava grandes dificuldades de locomoção e intercâmbio. (MARCON, 2009, s/n).

Porém, no final do século XX, as zonas urbanas sofreram um crescimento significativo em se tratando de população. Tudo isto, segundo Macon, graças ao “movimento contínuo de deslocamento das residências do campo para as cidades” algo que difere da década de 1980, “percentual de 70% das pessoas se situam nas cidades (em 2000, apenas 22% residem no espaço rural)”.

Toda essa realidade, portanto, ocorre porque os pobres não encontram possibilidades de sobrevivência no lugar de origem e, também, não encontram oportunidades no lugar de destino. O lugar de destino geralmente são áreas periféricas potencializando o inchaço populacional e exercendo ocupações temporárias e mal remuneradas e onde as condições de trabalho são precárias e informais.

Antônio Fausto, liderança do bumba meu boi de sotaque de zabumba, relata a ocupação que exerceu logo que chegou a capital do Maranhão, São Luís: “eu era estivador”. Entre as mulheres, muitas atuavam como empregadas domésticas, babás; os homens como camelôs, ajudante de construção civil dentre outros ofícios.

Dona Maria da Paes, liderança do bumba meu boi Mimo de São João, localizado no bairro da Ivar Saldanha, viúva de seu Lauro, um dos cantadores mais tradicionais do sotaque de zabumba, falecido em 1993, forneceu uma entrevista do cantador realizada em 1991 que relata os trabalhos exercidos por ele:

(Maria Paes): (...) Nós tivemos frete, tivemos lavanderia de roupa, tivemos barraca no Mercado Central, tivemos frete aqui na Praia Grande. (...) Ajudava. Tinha apenas meus 10, 12 anos, eu que ia no mercado grande fazer as compras trazia tudo, tudo. Tudo quem fazia era eu, nós éramos apenas



dois irmãos, Minha mãe teve doze filhos, mas só escapou os dois mais velhos, eu e minha irmã. (...) Foi justamente nos meus 12/13 anos, quando a mamãe me botou para aprender um ofício. Aí fui aprender, ofício, fiz ofício de ferreiro, depois passei para trabalhar de caldeireiro de ferro, depois eu passei para trabalhar de serralheiro, aí trabalhei na Companhia Equatorial de 1940, já tava rapazinho já, quando fui em 42 mais ou menos eu fui trabalhar na Garagem Americana como serralheiro, e de lá fui enfronhando, aí larguei o serralheiro e passei para mecânica, andei muito pelos interiores.

Isso é evidenciado na fala de Therezinha Jansen³ em que essa descreveu o ofício do antigo dono do grupo em que era responsável Laurentino Araújo, conhecido como seu Laurentino, bem como, as atividades que ela atuava:

(Jansen): O Boi da Fé em Deus começou com um antigo proprietário, seu Laurentino Araújo. Ele era funcionário do estado trabalhava na... Antigamente chamava serviço de estiva, capatazia do Estado onde hoje é a Casa do Maranhão ali que funcionava o Tesouro Estadual, a Secretaria de Fazenda do Estado, eu trabalhava em cima na parte contábil e ele na parte de estiva em baixo que eles chamavam de trabalho de capatazia. Eu trabalhava ali e já tinha esse grupinho dele, principiando, com muita luta, com muita garra, apesar de ser ele que praticamente não tinha instrução, mas ele tinha um repente que desafiava qualquer um letrado. Então, todo mundo sabia quem era Laurentino Araújo ou então Loló como era conhecido.

Em decorrência das invasões de terras por parte de fazendeiros, falsificadores de títulos de terra e pela transformação das relações de trabalho no campo à expulsão dos seus moradores tornam-se um fato. O meio rural vem se modernizando e incorporando novas técnicas de produção, o que tem levado inúmeros trabalhadores a se dirigirem para os centros urbanos. Com número crescente dessa realidade, efeitos são gerados como inchamento das cidades, os graves problemas de violência, emprego, moradia, saúde e educação são o espelho da metropolização da pobreza e do esvaziamento da população rural no campo incessante da busca por trabalho.

Ao se inserir na realidade urbana, homens e mulheres que antes viviam na zona rural do Maranhão, como Guimarães, Cururupu, Itapecuru, etc. passam a unirem-se com outros sujeitos que passaram pelas mesmas condições, dividindo anseios, interesses, conhecimento.

Nas relações mútuas de ajuda, geralmente, oriunda de laços afetivos nascidos desde a cidade natal e acentuados na capital devido às dificuldades, as histórias em comum geraram a aproximação desses sujeitos. Nessa interação são criados inúmeros grupos de bumba meu boi de zabumba e de outros sotaques no sentido de promover a continuidade das atividades que os envolviam desde a permanência no campo.

³ Informação fornecida por Therezinha de Jesus Jansen, do bumba meu boi de sotaque de zabumba da Fé em Deus, em out. 2007.



COTIDIANO ZABUMBA: LIGAÇÕES, ROMPIMENTOS E RELAÇÕES POLÍTICAS

O bumba meu boi de sotaque de zabumba, chamado de Unidos Venceremos, está localizado no bairro do São Cristovão. Tem como liderança Antônio Fausto Silva, conhecido como seu Fausto. Ele é natural de Cururupu e chegou a São Luís em 1974. Unindo-se a Antero Viana e outros produtores da cultura popular, fundaram o Boi do Monte Castelo onde foi cantador até 1995. As razões que motivaram o seu Fausto se desligar no bumba meu boi do Monte Castelo decorreram de disputas pelo poder, projeção formal dentro e fora da entidade folclórica, ou seja, desentendimento entre integrantes do grupo Monte Castelo: “esse boi surgiu, porque eu participava de um, então deixei, por um aborrecimento não deu para eu ficar. O último boi que eu participei em 90... Último ano de 95”.

A maioria dos grupos de bumba meu boi, independente de seu sotaque, é criada partir de questões ligadas a aborrecimentos e desentendimentos entre pessoas de notoriedade dentro do grupo. Isto é, o surgimento de um novo grupo de bumba meu boi, geralmente, está associado a disputas internas que dividem o grupo. Em decorrência dos conflitos são criados grupos juninos envolvendo não apenas um integrante, mas outros sujeitos pertencentes ao primeiro grupo. A partir de então, ocorreu à delegação de funções a determinados integrantes que dinamicamente assumem papéis determinados. Nessa lógica, seu Fausto juntamente com amigos criaram o bumba meu boi Unidos Venceremos:

(Fausto): Então eu comecei a pensar e a conversar com algumas pessoas que eu tinha condição de comandar um grupo... De botar um grupo para mim, que eu comandava um grupo ali, que eu era da frente... Eu me virava... E tal... Então, com isso eu me influenciei... Aí, me disseram que eu ia me ajudar... Quando chegou à hora, me deixaram “tocar o fogo”, fizeram um círculo, tocaram fogo e deixaram o palhaço dentro para se virar. Então, ficou eu e essa mulher, mulher que foi uma guerreira e... Nós viemos com o grupo.

Dessa maneira, o grupo Unidos Venceremos foi criado em 17 de março de 1996 no São Cristovão, tendo como integrantes pessoas de diferentes bairros de São Luís:

(Fausto): Botamos o grupo, veio um pessoal da Vila Camba, que hoje já deixaram o grupo, mas foram comigo com esse grupo e... Aí pra frente nós... Aí eu botei o primeiro ano... Muito dificultoso, mas eu não deixei mais de não botar mais ele, continuei, até por que é uma luta que eu tenho com ele... Sempre Unidos Venceremos!

Na organização de um recente grupo de bumba meu boi ocorrem, na maioria, inúmeras dificuldades. O Boi Unidos Venceremos, liderado por Antônio Fausto Silva, que já passou por esses momentos, tentou com o auxílio de familiares, amigos ou conhecidos diminuir os obstáculos sofridos, geralmente de cunho econômico:



(Fausto): Da gente capitar algum recurso, é difícil conseguir... Tudo bem, eu caí no campo, consegui amigos pra me ajudar, por exemplo, conseguir alguns contratos, me mostrar o campo do contrato, abri as portas... Aí foi surgindo algumas pessoas que eu fui colocando na diretoria, pra gente começar se organizar, e procurar também, recursos para a própria brincadeira manter também.

A partir daí, foi feito todo um processo de mobilização e organização dos membros (brincantes) do grupo, no intuito de atingir visibilidade e reconhecimento tanto pela população quanto pelos próprios integrantes:

(Fausto): Olha, eu nunca fiquei só, sempre estive acompanhado, sempre fui o carro chefe, eu sempre andando e procurando a organização. Então, teve algumas pessoas que me ajudaram a organizar... A equipe, porque até no tempo em que começou o boi, três dava conta de conduzir o boi quando ia sair só que.... Como se diz? Tinha que se disciplinar!

No ano de criação do Boi Unidos Venceremos, década de 1990, Roseana Sarney era governadora do Estado. Nesse período, ocorreu uma emissão de recursos financeiros para diversas manifestações culturais e o bumba meu boi foi significativamente um campo de investimento dessa política governamental. Em outra perspectiva, a participação por meio de visitas de políticos ou representantes desses em grupos da Cultura popular teve o intuito de adquirir votos em troca de ações clientelistas revelando intenções puramente eleitorais. Pelas poucas condições financeiras de seus integrantes, geralmente inseridos no mercado informal como já foi salientado, o valor ou objetos atribuídos por políticos são, nas últimas décadas, uma fonte de manutenção das manifestações culturais, no caso, o bumba meu boi. Isto implica na seguinte relação – o político financiava as despesas das agremiações e os integrantes potencializavam as candidaturas promovendo a obtenção de votos. Nessa relação de “mão dupla” podia vir a ser rompida no descumprimento das ações por uma das partes. Isto é expresso nas respectivas falas de Raimundo Freitas⁴ e Canuto Santos⁵:

(Raimundo): Vinham aqui eles deram essa ajuda, de primeiro eles deram essa ajuda, o Pavão Filho cansou de dá essa ajuda. Ele dava alguns materiais, era assim: eu quero dá tantas quantas de fita, ta precisando pra minha brincadeira, tantos canutilhos, ele fazia uma nota assim, aparece lá. Aí ele via que a gente na candidatura dele se esforçava por ele, então ele ajudava [...] Eu compro material pra fazer as golas, as saias, chapéu, fita para o chapéu, despesa negócio pra fazer ensaio, carro pra buscar e deixar, ônibus pra deixar pessoal porque se deixar pelos brincantes eles não veem, tem que apanhar e o restante é pra agradar um, agradar outro, porque agora eles querem brincar interessado em ganhar uma ponta cada um tanto faz ser um pegador de fita, uma tapuia,

⁴ Informação fornecida por Raimundo de Freitas do bumba meu boi de sotaque de zabumba Sempre Seremos Unidos em setembro de 2007.

⁵ Informação fornecida por Canuto Santos do bumba meu boi de sotaque de zabumba da Vila Passos em agosto de 2007.



cabeceira, tudo tem que molhar a mão deles. Olha, isso acontece não são em todos, mas isso acontece.

(Canuto): Aconteceu uma época, o Nan Sousa era deputado trabalhou muito, mais ou menos uns oito anos, mas se ferrou comigo porque não sou ligado a político ainda mais mentiroso! Eu sempre pedia a ele que se ele trabalhasse certo comigo eu estava ao lado dele, pudesse contar com o meu voto e de mais alguém que me interessava e aí foi. Bom o que foi feito foi acompanhar ele na campanha, trabalhar com ele tá entendendo. Ajudar aquilo que eu podia fazer. Ele agradava. Ele dava uma luz pra gente e sempre vinha aqui na brincadeira, também eu dava um apoio, isso eu não vou negar, aí depois acabou como é que se diz: ta tudo na mão do pai.

Mas não apenas políticos atuam nessa logística, de fato, as ações desempenhadas por estes foram demasiado focalizadas, ou seja, poucos grupos tinham esse tipo de “ganho”. A relação com o governo também se expressou não apenas por instituições, mas com a própria figura de seus dirigentes. Seu Fausto⁶ contou sobre seu contato com Roseana Sarney que anos vinha sendo madrinha do seu bumba meu boi: “já três anos que ela faz batizado do boi aqui, que ela vem ser madrinha”. O brincante informou qual a ajuda dada pela dirigente: “ela ajuda que ela dá assim podemos dizer, é colocar algumas brincadas como... Nos pontos dela, mas ajuda financeira não”. De acordo com o relato dado pela liderança junina, à dirigente não contribuiu diretamente em valores financeiros, mas por meio das instituições governamentais do estado, no caso a Secretária Estadual de Cultura. Então, existem os “Vivas”, espaços públicos espalhados por toda cidade criados no governo Roseana Sarney em que os grupos juninos de bumba-boi apresentam-se desde a década de 90, período em que foram inaugurados. Seu Fausto relatou sobre esse fato: “que ela tem é caixa surpresa, vale festejar, nós tínhamos as brincadas, e mesmo merecidamente também porque o grupo merece”.



Foto 01: Roseana Sarney e seu Fausto em um batizado do boi: ao lado de Roseana há um padre, revelando o caráter religioso da expressão. Fonte: Cedido por Antônio Fausto do bumba meu boi Unidos Venceremos.

Em todas as falas a presença de políticos de diferentes partidos nas agremiações tornou-se comum.

⁶ Informação fornecida por Antônio Fausto Silva do bumba meu boi de sotaque de zabumba Unidos Venceremos em março de 2007.



Seu Fausto contou e justificou uma foto em que tirou com Roseana Sarney revelando que anos a dirigente vem frequentando o barracão de seu grupo assumindo papel de madrinha do grupo de bumba meu boi.

Focando a questão religiosa presente no bumba meu boi de sotaque de zabumba Unidos Venceremos o ritual de batismo apresenta um processo complexo presente desde a promessa ao Santo até os sujeitos que realizam. Geralmente, o batizado é resultado de pagamento de promessas. São João é um santo muito querido e honrado pelos boieiros, portanto, é alvo das mais variadas promessas e dedicações.

Seu Fausto informou que no batismo, convidados como políticos e artistas participaram ativamente. Após o batismo são iniciadas todas as atividades a serem desenvolvidas pelo grupo junino, isto é, as apresentações em todas as cidades.

(Fausto): A cerimônia de batizado é uma tradição, desde quanto iniciou o bumba meu boi, porque todo mundo tem que ser batizado. Então, antes de nos sairmos para as apresentações, antes do boi sair, ele tem que se batizar para poder sair para as apresentações Olha, nós convidamos o padre. Aí vêm as pessoas convidadas. Movimentação você sabe como é... Tem os padrinhos e o padre.

Porém, isto não é evidente em todos os grupos de bumba meu boi de sotaque de zabumba. Algumas lideranças informaram que a participação de políticos e padres como é presente no bumba meu boi Unidos Venceremos não expressa à tradição da manifestação cultural como diz Therezinha Jansen: “Não! Nem padres e nem políticos. O batizado é feito no dia 23 de junho. Antes disso, o grupo não se apresenta porque ainda... Se tem um grupo de raiz, de tradição, de origem eu tenho que manter isso aí”.

Todos esses processos de batismo, decoração do couro, apresentações perpassaram por uma organização que mobiliza todos os integrantes, a comunidades onde estão localizados os grupos de bumba meu boi e até brincantes de outros municípios que acompanharam desde a fundação.



Foto 02: Terezinha Jansen, umas das mulheres que lideravam a brincadeiras de bumba meu boi de sotaque de zabumba. Fonte: Cedida por Terezinha Jansen ex-liderança do bumba meu boi de sotaque de zabumba Fé em Deus.



Antônio Fausto⁷ relatou: “em 1996, nos fundamos esse grupo com 62 componentes. A grande maioria vinha do interior e, hoje nós estamos com o grupo com a base toda daqui de São Luís”.

Dona Therezinha Jansen⁸ informou sobre a participação de pessoas que moram em cidades do interior do estado no grupo junino em que liderava. Segundo a liderança, a constante aproximação destes com a manifestação, localizada na capital do Maranhão, São Luís, revela o elo de solidariedade entre os sujeitos que criam, fazem e recriam as manifestações culturais:



Foto 03: Batismo do bumba meu boi de sotaque de zabumba Fé em Deus liderado até 2008 por Terezinha Jansen. Fonte: Cedida por Terezinha Jansen ex-liderança do bumba meu boi de sotaque de zabumba Fé em Deus.

(Jansen): Eu tinha dois senhores moradores de lá que... Começou assim, a história do pessoal do interior é assim: veio um brincante, gostou, voltou, vieram dois aí foi até chega à faixa de mais de 40% de brincantes do interior. Então tinha dos moradores de lá, brincantes também, que eram responsáveis do interior e que moram em Mirinzal, eles moram em Mirinzal na Baixada, era seu Cardoso e seu Lisboa.

Pelas adversidades sofridas muitos deixam de participar diretamente da manifestação, mas os vínculos com esta não é desfeito como inferiu Dona Therezinha Jansen⁹:

(Jansen): Seu Cardoso sofreu um acidente, bateu com a cabeça e ficou com problema, uma pequena sequela que não pode nem mais brincar, então Lisboa lidera o compromisso dos brincantes do interior. Então, é ele que escolhe os brincantes, ele é quem traz se responsabilizar da vinda deles aqui, aqui quando ele chega, ele me liga para eu ir buscar lá no terminal; o ônibus vem e deixa na porta de nossa sede, lá eles estão em casa, tem comida, almoço, jantar, merenda, café, e aqui ele apóia o pessoal que eu acho que todos nós gostamos de ter, aquela amizade, a troca de amizade e de carinho, eu acho que é isso que eles não deixam de vir.

No que concerne a confecção do couro e das roupas lideranças há toda uma preocupação dos grupos na responsabilização dessas atividades, pois segundo relato seus membros acreditam e defendem a ideia de que por meio de um bom trabalho expresso nos enfeites no couro, das

⁷ Informação fornecida por Antônio Fausto Silva do bumba meu boi de sotaque de zabumba Unidos Venceremos em março de 2007 e maio 2010.

⁸ Informação fornecida por Therezinha de Jesus Jansen do bumba meu boi de sotaque de zabumba da Fé em Deus em outubro de 2007.

⁹ Informação fornecida por Therezinha de Jesus Jansen do bumba meu boi de sotaque de zabumba da Fé em Deus em outubro de 2007.



coreografias, das vestimentas bem produzidas o grupo junino será bem visualizado pelos telespectadores e por órgãos do governo. Nessa lógica relatou Antônio Fausto e Therezinha Jansen, respectivamente:

(Fausto) O couro é bordado... O couro do meu boi é bordado no interior, por pessoas que são... É um artista, ele trabalha muito bem nessa parte, porque tem que ter uma pessoa especializada no boi, não é todo mundo que sabe bordar, e sabe bordar um couro de boi.

(Jansen): A cor da brincadeira é verde e branco, porque eu ainda dou continuidade àquilo que seu Laurentino deixou. Os instrumentos são pintados com a mesma cor que ele deixou; as roupas com as mesmas cores que ele deixou, eu não mudo porque eu tenho que respeitar aquilo que eu já encontrei porque ele confiou e ele me entregou para continuar. Agora a confecção é feita dessa maneira, por exemplo, os couros, hoje têm o Cláudio Vasconcelos funcionário do Centro de Cultura, é um dos padrinhos, como ele é um bom estilista, é um bom desenhista, ele é responsável pelos riscos do couro, ele faz os riscos na nossa casa, a gente monta e duas pessoas trabalham uma de um lado faz de um lado e a outra de outro lado. Mas eu começo a confeccionar a gola porque realmente hoje a gente precisa muito dessa peça para que o grupo tenha um pouco mais de valor, seja bem visto, porque fico feliz quando vejo o grupo todo padronizado. Todo mundo com as suas colônias, todo mundo com seus chapeuzinhos, com as suas golas, com as suas meia-saias, as camisas são brancas compridas e os vaqueiros são verdes.



Foto 04: Brincantes do bumba meu boi de sotaque de zabumba Unidos venceremos tocando um dos instrumentos que caracterizam a expressão cultural: o pandeiro. Percebam a vestimenta constituída de miçangas e paetês. Fonte: Cedida por Antônio Fausto, liderança do bumba meu boi de sotaque de zabumba Unidos Venceremos.

Canuto Santos¹⁰ informou sobre seus companheiros localizados no interior do estado que o ajudam na confecção das roupas e outras atividades afins:

(Canuto Santos): A confecção do couro é fora, é em Guimarães. Quando eu vou levar o material pra lá, eu vou de ônibus, porque agora a estrada, abriu as estradas, a gente vai direto até lá organizar. Ajuda também as correspondências através de telefone aquela coisa toda, se tem qualquer coisa irregular no desenho ou a pessoa varia um pouco no desenho eu tenho que ir lá pra explicar. É! É um trabalho em dobro viu, é trabalho em dobro. A gente tem que está sempre se comunicando. Saber como está aí, saber do material, tá faltando material ou não, aí fica naquela vida, é um trabalho... Como se diz, trabalhar no folclore do Maranhão, eu acho que em todo folclore é um serviço em dobro, serviço em dobro porque você não pode dar atenção só em um, são várias coisas que tem que fazer: é polônia, é gola, é couro de boi, é chapéu... É serviço em dobro, e aqui só é eu.

¹⁰ Informação fornecida por Canuto Santos do bumba meu boi de sotaque de zabumba da Vila Passos, em agosto de 2007.



Sobre os integrantes, Therezinha Jansen informou que estes também elaboraram suas vestimentas tanto na sede da manifestação quanto em suas residências, nesta última, geralmente é mais frequente quando os brincantes localizam-se em cidades do interior do estado. Segundo Therezinha Jansen¹¹, os gastos com materiais, transporte e outros são constantes, por exemplo, quando os integrantes de seu grupo não tinham condições de arcar as despesas, dona Therezinha Jansen financiava os custos necessários:

(Jansen): Dependendo dá necessidade de cada brincante e dependendo da minha possibilidade de ajudar também porque tem brincante que faz com muito esmero as suas roupas próprias, os brincantes do interior, principalmente os vaqueiros, as roupas deles desafiam porque eles tem aquela garra de fazer a todo ano uma roupa mais bonita que a outra.

Portanto, o que foi possível apresentar sobre essa realidade em foco é que dinamicamente inúmeros grupos de bumba meu boi de sotaque de zabumba são criados de acordo com a realidade vivida por cada sujeito e em que estes, inseridos em um contexto movido por instâncias econômicas, políticas dentre outras assumem papéis determinados gerando, segundo sua criatividade, formas de expressar sua vida, suas necessidades e criatividade de modo a perpetuar junto a outras gerações esse modo de ver e viver sua existência.



Foto 05: Confeção do couro do boi Unidos Venceremos: primeiro da esquerda para direita a liderança da brincadeira, seu Fausto. Fonte: Cedida por Antônio Fausto, liderança Unidos Venceremos.

BUMBA MEU BOI: ARTE, IDENTIDADE E RESISTÊNCIA

Segundo Michol Carvalho (*apud* Ferreira, 2006, 43), o ritmo do bumba meu boi de sotaque de zabumba tem sua origem “africana”. A etnia determina “a percussão rústica (...) dando um ritmo mais lento, socado, que lembra a melancolia do banzo ou a tristeza das senzalas”.

Seu Fausto (2007) confirma a ideia:

(Fausto): O boi de zabumba é uma... Que vem da raça dos negros, raça africana, pelos escravos, e foi caindo na graça do povo e povo fizeram homenagem a São João então com isso o boi de zabumba surgiu nas matas e pelas fazendas e gostaram e veio a se evoluir. O boi de zabumba é o boi mais antigo que tem o sotaque original. O primeiro bumba meu boi se chama o boi de zabumba.

¹¹ Informação fornecida por Therezinha de Jesus Jansen do bumba meu boi de sotaque de zabumba da Fé em Deus em outubro de 2007.



Sua coreografia, como diz Ferreira (2006), é difícil de aprender, apresenta um bailado diferente em relação aos outros sotaques¹². Diferentes também são os toques de seus instrumentos, a zabumba, instrumento que dá nomeação ao sotaque, coberto com couro de animais dos dois lados, possui um som grave e é tocado por uma baqueta grossa; o tamborinho, semelhante aos tamborins utilizados nas escolas de samba, porém mais largo, produz um som grave.

É típico dessa expressão utilizar em suas toadas fogueiras. Os grupos, todos desse sotaque, acarretam a determinadas pessoas a responsabilidade de transportar pedaços de paus ou palhas de palmeira, visando manter aceso o fogo. Nesse ensejo, os ritmistas se revezam aquecendo os instrumentos do couro até encontrar a afinação adequada para manter o ritmo e a cadência das toadas.

Os instrumentos de preferência confeccionados de couro de boi chamados de maracás, chocalhos pequenos ou Rajados assim nomeados pelos Caboclos de fita. Esses instrumentos citados servem para marcação do ritmo da batucada. Todos os cantadores usam o apito para anunciar o início e o final das toadas. A fogueira tem a função de aquecer e facilitar a afinação dos instrumentos de couro.

Este sotaque apresenta como personagens, os Rajados ou Caboclos de fita, que vestem um saiote bordado com canutilhos, miçangas e paetês por cima da calça, seus chapéus são em forma de cogumelo, todo enfeitado com fitas e na parte da frente têm uma espécie de cortina feita de canutilhos pendurados, geralmente cobrindo parte do rosto.



Foto 06: Foto de um chapéu confeccionado com folhas de buriti e fitas: a decoração é feita de miçangas e paetês. Fonte: Cedida por Antônio Fausto, liderança do bumba meu boi de sotaque de zabumba Unidos Venceremos.

As tapuias, tradicionalmente, vestem-se com uma saia de ráfia, fibra desfiada dos sacos utilizados para transporte de cereais. Atualmente, essas vestimentas têm sido substituídas por tecidos de pano bordado, com as cores de cada grupo e enfeitados com adereços e penas coloridas,

¹² Há outros sotaques de bumba meu boi no estado do Maranhão como: *O sotaque de matraca ou da Ilha* tem destaque na Ilha do Maranhão, São Luís. Os instrumentos utilizados são: matracas feitas de madeiras que são batidas uma contra a outra, produzindo um som estridente; *O sotaque da baixada*, que também tem matracas e pequenos pandeiros. A personagem Cazumbá tem destaque no grupo. *O sotaque de orquestra* caracterizado pela utilização de instrumentos de metais, banjos e maracás e por suas danças coreografadas.



sintéticas ou de aves. O boi possui a carcaça menor que a dos outros sotaques. O couro é bordado em relevos a partir de enxertos com tecidos, miçangas, pedrarias e acolchoados.

A origem do sotaque é atribuída à região do litoral Ocidental maranhense, mais especialmente no município de Guimarães, por isso muitos o chamam de Boi de Guimarães¹³.

Embora a origem do sotaque de zabumba seja atribuída ao município, isso não implica dizer que esse sotaque seja o único e exclusivo da dada localidade, ou na região do litoral ocidental maranhense, pelo contrário, a expressão existe também, em várias, outras regiões do estado.

Entrevistando alguns brincantes, constatou-se que, em sua maioria, são oriundos de várias

localidades do interior do estado, tanto da região dos municípios de Guimarães, Cedral, Mirinzal, como dos municípios que compõem a chamada Baixada Maranhense, como Pinheiro, Anajatuba, São João Batista, dentre outros.

(Basílio): Eu sou de Pinheiro, lá eu comecei brincando no município de Perimirin, no lugar chamado Capim Seco, lá no Boi de Firmino, aí eu brinquei pagando uma promessa com 10 anos já era vaqueiro essas coisas. Então, de lá a gente começou a se habituar com essa brincadeira, a nossa cultura mesmo é o Boi de Zabumba. Eu acho que é o melhor, que é o mais bonito, eu acho que é o mais original (2007).

É dito por seu Fausto o valor histórico ou a ancestralidade do bumba meu boi de sotaque de zabumba em que o mesmo é passado de pai para filho:

(Fausto): É uma descendência dos meus avôs, porque o meu avô foi um mandante de bumba boi, todos os meus parentes gostavam de bumba boi, inclusive meu pai, e eu fiquei com a herança, de todos eles eu fiquei com a herança e não sou arrependido.

Assim, como boa parte do estado maranhense, as referidas regiões são marcadas pela forte presença da população negra e por uma economia baseada na produção rural. Segundo Ferreira (2006), ao se referir sobre os dados do IBGE (2000), para explicar o número relevante de negros no



Foto 07: As Tapuias e Nego Chico, personagens da brincadeira. Fonte: Cedida por Antônio Fausto liderança do bumba meu boi de sotaque de zabumba Unidos Venceremos.

¹³ A cidade de Guimarães fica 55,1 km de São Luís na região do Litoral Ocidental com 120 000mil hectares com população de 161. 938 hab. Tem 13 cidades em área de 9. 198, 40 Km² (IBGE, 2000).



estado, diz que o Maranhão é um dos estados brasileiros que apresenta alta concentração de negros, cerca de 79% da população, sendo 40,5% vivem nas áreas rurais.

Tomando as ideias de Ferreira, a autora se remete ao livro *Terra de Preto no Maranhão: Quebrando o mito do isolamento*, fruto do Projeto Vida de Negro do Centro de Cultura Negra do Maranhão/CCN, a qual define o perfil de homens e mulheres que foram e dão valor simbólico ao São João, e em especial, o bumba meu boi de sotaque de zabumba:

Como espaços rurais baseados na produção agrícola, trabalho familiar e também uma unidade econômica que se circunscreve num território, regida por normas consuetudinárias de trabalho e convivência sociais reconhecidas e respeitadas pelos moradores da área e pelos vizinhos próximos. (FERREIRA, 2007, p. 45).

Há cerca de 400 comunidades negras rurais no estado do Maranhão. Outros estudos – no caso, centro de Cartografia Aplicada e Informação geografia (Ciga) da Universidade de Brasília (UnB), como diz Ferreira –, mostram cerca de 2.228 comunidades negras no Brasil. Esses dados levam a considerar que o Maranhão tem o maior número de comunidades rurais quilombolas, com 642, depois a Bahia com 396, e do Pará com 294.

As áreas são formadas de diferentes processos advindos de antigos quilombos, doações, compras, etc. São espaços em que estão inseridos os descendentes negros e que dão corpo ao bumba meu boi de sotaque de zabumba: as chamadas Comunidades Negras, “Comunidades Quilombolas”, “Terras de Preto”.

Possui uma complexidade consideravelmente maior e de utilização mais ampla, com fundamento nos fatos de vida cotidiana de centenas de povoados, que através de um elemento étnico, definem uma territorialidade específica e uma modalidade intrínseca de relação com os recursos hídricos, florestais e do solo. Não se restringe a um sentido religioso ou uma família extensa. Em virtude deste fator étnico. (FERREIRA, 2006, p. 47).

Portanto, o termo utilizado aqui para designar essas áreas é: um tipo de localidade em que os grupos formados por descendentes de negros escravizados, que se autorreconhecem, a partir das relações com a terra, num universo onde se entrelaçam parentesco, território, ancestralidade e práticas culturais típicas.

Essa denominação tem muito a ver com a realidade vivida por esses sujeitos sociais que se reportam a sua condição de pertença, expressa na etnicidade e na territorialidade construída ao longo da história e, conseqüentemente da cultura inserida em uma lógica de relações conflituosas. A noção de territorialidade e etnicidade são válidas nesse momento quando se busca compreender os



aspectos de identidade e resistência do bumba meu boi de zabumba.

Sobre a identidade tem-se a ideia de território em que os sujeitos históricos agem inseridos em determinado contexto espacial interligam-se por meio da solidariedade e reciprocidade. Isso é visível quando lideranças culturais junto à comunidade e até brincantes e líderes de outros grupos juninos que aproveitam os ensaios de outra brincadeira para se divertirem e auxiliarem nos preparativos do grupo visitado criam, recriam e aprofundam as relações de solidariedade e ajuda mútua visando manter seus vínculos culturais na sociedade vigente.

(Constancio): Venham, venham brincar os outros brincantes, mas é sem compromisso. Às vezes, a brincadeira deles não estão brincando, eles passam aqui e tá ensaiando, aí eles venham bate um pandeiro, bebe uma cachaça e continuam da mesma forma (2007).

(Dona Maria): Tudo é feito aqui mesmo. A indumentária é feita de várias cores. Eu bordo, junto com a minha filha. E a roupa algumas eu bordo, as outras tem que mandar borda fora (2007).

(Fausto): Botamos o grupo, veio um pessoal da Vila Camba, que hoje já deixaram o grupo, mas foram comigo com esse grupo e... Aí pra frente nós... Aí eu botei o primeiro ano... Muito dificultoso, mas eu não deixei mais de não botar mais ele, continuei, até por que é uma luta que eu tenho com ele (2007).

Outra noção de identidade que aprofunda o grau de união e valor a sua história no bumba meu boi de sotaque de zabumba é percebida na flexibilidade dos grupos étnicos e, sobretudo, a ideia de que, um grupo confrontado por uma situação histórica peculiar, realça determinados traços culturais que julga relevantes em tal ocasião.

Isso é percebido na relação das comunidades negras rurais e grandes latifúndios, grileiros, políticos, advogados cujo envolvimento é marcado por fortes confrontos na busca de manter a posse de terras, luta contra o descaso do governo, carência de políticas públicas, violência e tantos outros elementos sociais que levam a interligar e fortalecer nessas comunidades negras a identidade de negros quilombolas.

É através desses laços de solidariedade e continuação dos traços culturais que os negros, que geram a cultura popular e, em específico, o bumba meu boi de zabumba, se veem como homens de direito e mobilizados quando politicamente são chamados a reivindicar sua identidade contradizendo os ideais de inferioridade, bem como, afirmando seu valor étnico-racial:

(...) é obrigado a reivindicar uma identidade, encontra-se necessariamente, em posição de carência e subordinação, sustentadas por representações sociais, que visam justificar a inferioridade estrutural do grupo minoritário, baseando-se em valores étnico raciais. (FERREIRA, 2006, p. 48).



Foto 08: No bumba meu boi de sotaque de zabumba há a predominância de homens e mulheres negros(as). Na expressão os traços étnico-raciais são evidentes no ritmo dos instrumentos, na dança. Fonte: Cedida por Antônio Fausto liderança do bumba meu boi de sotaque de zabumba Unidos Venceremos.

Sobre o valor étnico-racial, ou construção da identidade em todo o processo histórico que é percebido na letra das músicas, na indumentária, nas relações entre lideranças e brincantes tem-se a presença da luta contra o “racismo escondido ou silencioso” (MUNANGA e BORGES PEREIRA *apud* FERREIRA, 2006, p. 48) tão evidente a sociedade discriminatória vigente.

Também, é presente nas letras das músicas questões como meio ambiente, miséria, violência e homenagem a santos ou a própria brincadeira que geralmente são fatos frequentes do seu cotidiano. Isso é evidente nas falas das lideranças em que os mesmos privilegiam significativamente a composição dos amos, os cantadores que também são compositores da brincadeira:

(Jansen): Então, cada um faz a sua toada homenageando o santo, homenageando o ambiente, coisas assim que são necessárias, mas que não atinge ninguém. São toadas próprias que eles tiram, eles mesmos, cada um tira a sua toada. Na reunião... A segunda reunião; vamos ver essa toada, essa rima não está caindo muito bem, vamos consertar, mas não tiro o erro deles pra não deixar uma coisa meio pé quebrado (2007).

(Constâncio): A letra da música é elaborada pelos cabeceiras. Os cabeceiras é que faz a música e vem e começa a cantar a toada que eles fazem aí o pessoal vão pegando as toadas e vão cantando ate chegar a época de ensaio (...) Não, político não. Porque nós não atribuímos em associação política, porque onde existe política existe grande irregularidade. Então... É mais fácil fazer as homenagens a quem, mora em outro lugar, ou a quem já morreu, esses são o mais certo ser feito (2007).

(Basílio): As músicas, ela de tradição ela começa pelo guarneçê, reunir, lavai, boa noite, trás o boi, chegou. São as músicas. Aí tem toada pra boi rolar, aí entra a matança que é o alto da brincadeira. Para ser apresentado realmente o bumba boi de plaste como deve, ele é uma hora e vinte mais ou menos, ou mais (...) Inventar qualquer coisa, inventar chegar pra compra boi, chega... Porque



antigamente era a Catirina tinha ficado grávida queria comer a língua do boi, isso é o começo da história, dentro disso você modifica, bota qualquer roteiro, faz a matança, outro chama a matança de o alto da brincadeira (2007).

Na sociedade brasileira são predominantes valores ideológicos, fundamentados em concepções de branqueamento, que estratificam os homens no âmbito social, delineando e definindo os lugares de cada sujeito e, a população negra, lógico, inserindo na herança escravista. Ferreira guiada por Silva e Balthazar diz: “ser dono de terra é uma violação, pois não se concebe um uma sociedade racista, que indivíduos considerados inferiores possam sair de sua condição de submissão para se tomarem possuidores de bens e direitos” (FERREIRA, 2006).

Esse contexto exige da população negra a necessidade de se organizar e construir meios alternativos e coletivos de articulação e resistência a fim de criar e manter esquemas que venham confrontar o poder vigente, que não reconhecem o direito de terra desses homens e mulheres negros e negras.

Esse reconhecimento de mobilização das comunidades negras é intitulado como sendo a identidade de resistência, ou seja, reações de grupos subalternos, frente às relações institucionais de dominação. A expressão cultural bumba meu boi de sotaque de zabumba expressa em vários grupos, revela o modo como cada homem e mulher brincante concebe sua realidade, quando percebe sua história construída por seus antepassados. Sua dança, suas vestimentas, suas letras mostram essas características historicamente elaboradas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os verdadeiros produtores da manifestação, isto é, aqueles que de fato se dedicam ao boi, suas mentes e corpos, muitas vezes desgastados pelas mínimas condições de vida e trabalho duro, vêm, geralmente, das classes populares, dos bairros pobres da cidade e das lavouras do interior. Muitos nunca chegaram à escola e vive precariamente, economizando o ano inteiro, o dinheiro ganho em trabalhos mal remunerados para poder pagarem por uma roupa de brincar boi no São João. Eles são de todas as idades, homens na maioria, embora cresça a presença feminina nos batalhões de boi, e dividem entre si os papéis masculinos e femininos da expressão cultural. Therezinha Jansen informou:

(Jansen): As dificuldades não deixam de ser imensas, são grandes porque o grupo, a confecção das roupas é muito pesada, o peitoral pequenininho, aqueles bolerozinhos trabalhados na gola, godê trabalhado frente e costa bordadas com canutilho e miçangas porque hoje paetê, por exemplo, ficou no passado. Então, hoje miçanga, paetê é tudo material importado. Por que eu uso? Porque



não adianta comprar material mais barato que a gente esteja manuseando ele esteja sujando a mão da gente. Então, é muito difícil, é muito pesado. Mas é a história que eu lhe falei, um trabalho feito com amor supera tudo isso. Na semana que eu posso comprar um quilo de canutilho, eu compro; na semana que eu não posso, compro 100 gramas, 200 gramas dependendo e assim a gente vai levando e o boi da fé em Deus tá com mais de 100 brincantes.

Apesar das dificuldades de ordem econômica enfrentadas pelos grupos de bumba meu boi de sotaque de zabumba, o interesse em manter a manifestação é mantido e expresso pelo amor aos laços culturais oriundos desde a infância (cidade natal), a identidade, bem como, o reconhecimento como sujeito construtor de um feito dinâmico e histórico. Seu Canuto¹⁴ informou os conflitos, as angústias, as relações com espaços privados ou órgãos do governo que ocorreram para manter seu grupo:

(Catuno) Porque a gente gosta, a gente começa, a gente se adapta naquilo a gente agarra a oportunidade [...] Porque, na realidade, todo mundo tem despesa, tanto faz ser do maior quanto do menor... Porque despesa é muito alta. Na época passada os componentes se aprontavam era mais fácil, mas hoje, pra fazer uma brincadeira, você tem que dá tudo. Todo preparo você tem que fazer, entregar pronto. Uma brincadeira dessa ganha um mil reais, tu não acredita mais pode apurar que vai dá isso, se de menos também é pouquíssimo. Então, essa é a beira. Então se tornou difícil a brincadeira. Porque muitos dizem assim: só o governo dá muito dinheiro, muito dinheiro; porque a mídia diz assim: o Maranhão tem tantos milhão pro folclore. Eu não pego esse dinheiro, quem pega não sei se dá. O secretário que pega esse dinheiro, ele não vai dá. Alguém vai ficar sem dinheiro, vai? Não vai. Principalmente no mundo que nem hoje em que convivemos. Então, uma sobradinha que ele vai dá pro boi, a gente recebe e não reclama, não pode dizer nada. Agora quem esta de fora, diz assim: show! Ah, dá muito dinheiro, tem muito dinheiro coisa e tão. Agora o que acontece eu devo dez mil reais, um empréstimo que tive pra poder pra fazer a brincadeira, concluir. O dinheiro que a gente recebe, quando chega o dia do São João, o dinheiro já foi, acabou. Agora cadê o dinheiro pra pagar as dívidas que estão abertas no comércio? A gente tem que comprar fiado nos comércios, tem que pagar também, não é. Agora pra fazer o fechamento, pra concluir a brincadeira que é a matança que se fala, pra encerrar de ano para o outro, as despesas ficou aberto. Eu tô devendo banco, não é fácil não. A salvação de alguns é o salariozinho de quinhentos reais, seiscentos reais, tirar do salário pra poder participar. É! As despesas são muito altas. Um frete de um carro pra conduzir as pessoas à noite, seja uma apresentação, é quatrocentos, quinhentos reais. Se você fretar um carro cinco vezes, é o mesmo valor: quatrocentos. E assim! Você pra fazer um chapéu desses de cento e oitenta pontas de fita não é fácil e ainda tem elemento que deita em cima pra desbandalhar. Chapéu de fita de Buriti amassa se não tiver cuidado, quebra tudo. E assim, a gente já faz porque a gente gosta, é como eu acabei de dizer, eu com 08 anos eu conheci a brincadeira, com 20 anos vim pra cá.

Nessa perspectiva, pode-se pensar que as expressões culturais apresentam um pluralismo e diversidades vistas na dinâmica dos grupos. Esses grupos juninos buscam a todo custo manter uma

¹⁴ Informação fornecida por Canuto Santos do bumba meu boi de sotaque de zabumba da Vila Passos, em agosto de 2007.



infraestrutura necessária para funcionar. Por essa razão, precisam de ajuda, estabelecer parcerias com sindicatos, igrejas, associações da sociedade civil, da iniciativa privada, até instituições governamentais.

A comunidade zabumba busca manter seus laços tradicionais oriundos de suas localidades (cidades do interior do Estado, como Guimarães, Pinheiro, Mirinzal, entre outros), seu valor étnico-racial proveniente dos negros africanos vindos para o Brasil como mão de obra escrava, bem como, seus ritos religiosos. O culto aos santos, a natureza dão direção ao enredo, à arte de festejar, a alegria de homens e mulheres que constituem o bumba meu boi de sotaque de zabumba.

Os vínculos com traços de resistência à tradição não anulam ou mesmo, não são anulados pelo movimento de outras instâncias, apesar de alguns abalos em sua estrutura por interesses daquelas. Isso como se sabe é da própria Era vigente em que muito há de concordar com o relato de Dona Terezinha Jansen: “Modernizar sem descaracterizar”, uma colocação que desperta problematizações e pode desencadear inúmeras interpretações.

No bumba meu boi de sotaque de zabumba Unidos Venceremos, liderado por seu Fausto, em entrevista vem propondo atividades que ultrapassam aquela expressa na confecção de couros, composição de letras musicais e apresentações. O responsável do grupo junino está ampliando os espaços da agremiação visando instalar ar condicionado, computadores, pois estar com pretensões em implantar um projeto social para crianças, adolescentes e jovens que pertencem à manifestação, bem como, aqueles que vivem na comunidade.

Assim, com essa iniciativa por parte do grupo de bumba meu boi Unidos Venceremos, o estímulo à realização de oficinas culturais envolvendo a participação da população, tendo a cultura popular um mecanismo base que instiga no indivíduo o interesse de ideais coletivos e uma consciência crítica que possibilita tanto a preservação dos valores culturais de um povo, para que o conhecimento possa ser socializado entre gerações quanto potencializar mecanismos que possam favorecer a inserção desse público no mercado de trabalho.



REFERÊNCIAS

- ANDREA, Andrea Maria Narciso Junior; CLEPS, João. *Migrações Campo-Cidade: os diferentes enfoques interpretativos*. Disponível em: http://www4.fct.unesp.br/nera/publicacoes/simga2005/Trabalhos/Resumos/Andrea%20Maria%20Narciso%20Rocha%20de%20Paula_PT_ES.PDF. Acesso: 10 set. 2009.
- CARDOSO, Letícia Conceição M. Indústria da cultura popular no Maranhão: uma “indústria política”? In: MARQUES, Francisca Ester S. (Org.). *Jornalismo cultural: da memória ao conhecimento*. São Luís: EDUFMA, 2005. p. 29-50.
- CARVALHO, Luciana Gonçalves. Inventário nacional de referências culturais: a experiência com o bumba meu boi do Maranhão. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE FOLCLORE. *Anais do 10º Congresso...* São Luís: Comissão Maranhense de Folclore, 2004. p. 419-430.
- COUTO, Carlos Agostinho Almeida M. *Indústria cultural e hegemonia: o poder público e a produção e disseminação de bens culturais em São Luís do Maranhão*. 2003. 120 f. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas) – Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas, Universidade Federal do Maranhão, São Luís: UFMA 2003.
- FERREIRA, Carla G. Silva. *Bumba meu Quilombo: o festival de bumba boi de zabumba em São Luís*. São Luís, 2006.
- REIS, José Ribamar Sousa. *Abc do bumba meu boi do Maranhão*. 2. ed., São Luís: Fort Gráfica, 2008.
- _____. *Bumba-boi: o maior espetáculo popular do Maranhão*. 3. ed. São Luís: Fort Gráfica, 2008, 138 p.
- SILVA, Gisélia Castro. Estetização Política da cultura popular e marketing no governo Roseana Sarney. In: MARQUES, Francisca Ester S. (Org.). *Jornalismo Cultural: da memória ao conhecimento*. São Luís: CEDUFMA, 2005. p. 09-28.
- MARCON, Gilberto Brandão. *Histórica Migração do Campo para Cidades do Brasil do Século XX*. Disponível: <http://www.administradores.com.br/informe-se/artigos/a-historica-migracao-do-campo-para-cidades-do-brasil-do-seculo-xx/33639/>. Acesso em: 05 out. 2011.
- NOGUEIRA, Gisélia Castro S. Estetização Política da Cultura Popular e marketing no Governo Roseana Sarney. In: MARQUES, Francisca Ester S. (Org.). *Jornalismo cultural: da memória ao conhecimento*. São Luís: CEDUFMA, 2005. p. 09-28.

SUMMARY

This work comes to propose the comprehension of the primary elements that conduct the creation of the Bumba meu boi groups of accent of Zabumba in São Luís of Maranhão. In that case, the study brings up the life of men and women of the countryside that now are citizens in the urban centers at the Maranhão's state capital, São Luís, that together they express this lifestyle through their bumbas. We'll talk about the dynamic relations between the members, the possible involvement with leaders and political groups, and also, the numerous mechanisms that the popular culture producers realize to keep alive their junin groups.

KEYWORD: Bumba meu boi of accent of Zabumba. Migration from the countryside to the cities. Political Power.

ANEXO A – RELATOS DAS LIDERANÇAS DE BUMBA MEU BOI DE SOTAQUE DE ZABUMBA

BOI DA FÉ EM DEUS – TEREZINHA JANSEN

Nome do Boi?

Bumba Boi da Fé em Deus.

Nome da liderança?

Travessa da Fé em Deus 600 Monte Castelo. E no todo o Monte Castelo, o Monte Castelo todo é uma dedicação e não de entendimento, mas de convívio com o povo do Monte Castelo que é o local do nosso barracão e a nossa sede.

O seu nome?

Terezinha de Jesus Jansen Pereira.

O número de brincantes na década de 90?

Olha, na década de 90, nós tínhamos... É o seguinte: quando eu entrei, quando o antigo dono me entregou, antes dele morrer, o seu Laurentino, ele tinha deixado numa faixa de 30 brincantes, porque já não tinha condição era muito difícil para ele, ele adoeceu, eu era a madrinha do Boi, mas não podia segurar isso só porque ele ainda existia, ele ainda era dono da brincadeira, eu não gosto de avançar o sinal. Então, foi que ele me chamou e me deu o Boi. Mas quando ele me deu o Boi, eu pensei que a crise que ele tinha naquele momento seria superada como as outras, uma aliviada, uma melhorada. E eu entrei em contato com ele porque ele me pediu por tudo que ele fosse pedir e que eu não dissesse não! Ele sabia que ia morrer, que ia morrer tranquilo depois da resposta minha. E olhando o estado dele muito cansado, cansado quase sem falar, já quase sem força, eu pedi a Deus para que Ele me iluminasse naquele momento: que eu devia fazer com aquele homem. Então, eu disse: me mostre meu Pai o que eu posso fazer. Como Ele justo e atende a todos, Ele me deu a luz de dizer que sim. E no meu interior eu pensei que, depois de uma semana, uma semana e pouco, eu poderia falar com ele para explicar para ele que isso era coisa para homem, eu era mulher, não entendia muito de Bumba Boi naquela época e eu não tinha condições de arcar com dona do grupo. Vendo o estado dele, se eu dissesse que não e ele morrer, eu ia ficar com a minha consciência pesada. Aí eu disse sim, então ele disse: agora morro tranquilo. Então, a partir daí, passei a arcar com as necessidades da brincadeira.

Em que ano isso ocorreu?

Em 75. 09 de setembro de 1975. Então, de lá pra cá a gente vem lutando nessa caminhada longa no meu decorrer dos meus 78 anos de idade, também agradecendo a Deus por viver esses anos todos, eu fazendo todo o que eu faço por que Ele quer e permite. Nós alcançamos à faixa de 1990, engatinhando, e graças a Deus, que nós temos um grande apoio de Roseana Sarney, independentemente dela ser política, a minha relação com ela é particular, é de família, cobrando e resgatando com ela uma dívida de gratidão que eu tinha com o avô dela, que foi o médico que atendeu meu pai até o final de vida dele, o doutor Carlos Macieira. Então, ela, claro que nascida no berço da cultura, cresceu com esse carinho, com esse carisma que ela tem pela nossa cultura, lutando, lutando, melhorando cada vez mais e consegui a continuidade a um trabalho já iniciado com José Raimundo Rodrigues, porque José Raimundo foi o primeiro a dá iniciativa e Roseana veio pra dá um empurrão melhor. E Roseana, graças a Deus, no governo dela nós tivemos um apoio bem melhor porque ela valoriza a nossa cultura e sabe o que é a cultura do Maranhão.

Quanto surge a brincadeira? O ano?

Surge lá mesmo na Fé em Deus. 01 de maio de 1970.

Porque Boi de Zabumba?

Porque Boi de Zabumba é a raiz. É a origem, é a tradição da nossa Cultura Popular. Daí da Zabumba foi que surgiram outros sotaques, inclusive hoje eles são realmente colocando os grupos originais, daí surgiu a Ilha, a Matraca, surgiram os parafolclóricos, os de Orquestra, o Boi de Pandeirão que é da baixada e o de Costa de Mão que é o sotaque pouco conhecido, mas que graças a Deus, já começa engatinhar.

Como surgiu a brincadeira? Os primeiros líderes? As sucessões?

Olha, o Boi da Fé em Deus começou com um antigo proprietário, seu Laurentino Araújo. Ele era funcionário do Estado, trabalhava na... Antigamente chamava serviço de estiva, capatazia do Estado, onde hoje é a Casa do Maranhão, ali que funcionava o Tesouro Estadual, a Secretaria de Fazenda do Estado, eu trabalhava em cima na parte de contábil e ele



na parte de estiva em baixo que eles chamavam de trabalho de capatazia. Eu trabalhava ali e já tinha esse grupinho dele, principiando, com muita luta, com muita garra, apesar de ser ele que praticamente não tinha instrução, mas ele tinha um repente que desafiava qualquer um letrado. Então todo mundo sabia quem era Laurentino Araújo ou então Loló, como era conhecido. Com muita luta, com muito sacrifício ele foi trabalhando em cima disso, no mesmo ano ele me convidou para ser madrinha, eu não queira ir, ele falou com a minha mãe pra dá licença porque pensava que fosse ela, ela disse que não tinha nada por isso. Aí eu comecei a ser madrinha, ajudando ele naquilo que eu podia no Boi. Hoje, eu estou com 43 anos de cultura, se Deus me permitir, 44 nesse ano, mas sempre militando na parte da nossa raiz, da nossa tradição, da nossa origem. Então, esse tempo todo enquanto ele existiu até 1975, eu ajudei na medida do possível a partir, daí eu assumi como proprietária do grupo.

Como eram feitas as apresentações na década de 1970, período da Ditadura Militar?

Era meio pesada. Porque Boi não podia passar dali de dentro: do Canto da Fabril pra cá. Mas ele como era muito ousado, às vezes passava, só não foi preso totalmente porque ele tinha amigos, porque ele trapaceou, mas isso aí é como hoje, hoje a gente tem muitos mecanismos e antigamente a gente não tinha tantos assim, um ou dois. Então, tudo era feito com esforço próprio com muita luta, aquela vontade de fazer alguma coisa, e cumprindo talvez o compromisso pessoal dele. Os brincantes eram aqueles que tinham pouco realmente, mas era pesado porque o batuque dele ninguém passava em cima dele o outro grupo não entrava na frente dele que ele não permitia e assim, coitado ele foi levando até que pode.

E quando isso passa a mudar? Quando é deixada a ação repressora e começa a participação de muitos na brincadeira?

Com o decorrer do tempo e com as pessoas que vinham para defender a nossa Cultura como, por exemplo, a Roseana.

Quais as dificuldades sofridas pela brincadeira?

As dificuldades não deixam de ser imensas, são grandes porque o grupo, a confecção das roupas é muito pesada, o peitoral pequenininho, aqueles bolerozinhos trabalhados na gola, godê trabalhado frente e costa bordadas com canutilho e miçangas porque hoje paetê, por exemplo, ficou no passado. Então, hoje miçanga, paetê é tudo material importado. Por que eu uso? Porque não adianta comprar material mais barato que a gente esteja manuseando ele esteja sujando a mão da gente. Então é muito difícil, é muito pesado. Mas é a história que eu lhe falei, um trabalho feito com amor supera tudo isso. Na semana que eu posso comprar um kilo de canutilho eu compro; na semana que eu não posso compro 100 gramas, 200 gramas dependendo e assim a gente vai levando e o Boi da Fé em Deus ta com mais de 100 brincantes.

Como é o processo de organização da brincadeira para, por exemplo, distribuir os materiais?

Dependendo dá necessidade de cada brincante e dependendo da minha possibilidade de ajudar também porque tem brincante que faz com muito esmero as suas roupas próprias, os brincantes do interior, principalmente os vaqueiros, as roupas deles desafiam porque eles tem aquela garra de fazerem a todo ano uma roupa mais bonita que a outra.

Como é a organização desses brincantes do interior?

Eu tinha dois senhores moradores de lá que... Começou assim, a história do pessoal do interior é assim: veio um brincante, gostou, voltou, vieram dois, aí foi até chega à faixa de mais de 40% de brincantes do interior. Então, tinha dos moradores de lá, brincantes também que eram responsáveis do interior e que moram em Mirinzal, eles moram em Mirinzal na Baixada, era seu Cardoso e seu Lisboa. Seu Cardoso sofreu um acidente, bateu com a cabeça e ficou com problema, uma pequena sequela que não pode nem mais brincar, então Lisboa lidera o compromisso dos brincantes do interior. Então, é ele que escolhe os brincantes, ele é quem traz se responsabilizar da vinda deles aqui, aqui quando ele chega, ele me liga para eu ir buscar lá no terminal, o ônibus vem e deixa na porta de nossa sede, lá eles estão em casa tem comida, almoço, jantar, merenda, café, e aqui ele apóia o pessoal, que eu acho que todos nós gostamos de ter, aquela amizade, a troca de amizade e de carinho eu acho que é isso que eles não deixam de vir.



ENTREVISTA COM SEU FAUSTO LIDERANÇA BOI UNIDOS VENCEREMOS

O nome do boi?

Boi Unidos Venceremos.

O endereço?

Rua Estrada da Vitória, n.. 307, km 09, São Cristóvão.

Seu nome?

Antonio Fausto.

Número de brincantes?

Nós estamos com uma média de 150 brincantes.

Na década de 90, no ano de fundação, 1996, quantos brincantes?

Em 1996, nós fundamos esse grupo com 62 componentes. A grande maioria vinha do interior e, hoje nós estamos com o grupo com a base toda daqui de São Luís.

E o senhor é de Guimarães?

Não sou de Cururupu.

O boi nasceu aqui em ao Luís?

Sim, aqui em São Luís, na estrada da Vitória.

Foi em, 1996, que mês e dia?

16 de março de 1996.

Por que Boi de Zabumba?

Porque o boi de zabumba é o pioneiro, e eu... Porque você me perguntou por que boi de zabumba: o boi de zabumba é uma... que vem da raça dos negros, raça africana, pelos escravos, e foi caindo na graça do povo e povo fizeram homenagem a São João, então, com isso o Boi de Zabumba surgiu nas matas e pelas fazendas e gostaram e veio a si evoluir. O boi de zabumba é o boi mais antigo que tem o sotaque original, é o sotaque original o primeiro de bumba meu boi se chama o boi de zabumba.

Por essa questão histórica e étnica o senhor, então, somou o boi de zabumba Unidos Venceremos como uma fonte de trabalho?

Olha até por que eu sou da terra do boi de zabumba. Eu sou de Guimarães e é uma descendência dos meus avós, porque o meu avô foi um mandante de bumba boi, todos os meus parentes gostavam de bumba boi, inclusive meu pai, e eu fiquei com a herança, de todos eles eu fiquei com a herança e não sou arrependido.

ENTREVISTA COM SEU CANUTO – BOI DA VILA PASSOS

Nome da brincadeira?

Boi da Vila Passos.

Nome da liderança?

Canuto Santos.

Número de brincantes?

Olha isso sempre varia, tem ocasião que a gente bota 40, tem ocasião que bota 50, 60. Tem base que são... Mas aqui sempre deu até seu 70, seu 70 e pouco, abaixo porque, as vez, a gente bota muita gente e desagrada, desagrada por quê? Porque eu tenho aquela base de outrora que não adianta quantidade, adianta a qualidade. Porque é isso que é mais importante. Então, quando eu vejo que um elemento não está dando certo, eu dispensei. Eu fico com 40, com 50, mas é... Isso sempre foi desde quando eu comecei a brincar Boi com 08 anos no interior, e se eu não começasse com 08 anos... Então pra mim não existia. Porque a gente gosta, a gente começa, a gente se adapta naquilo, a gente agarra a oportunidade. Então, só Boi eu já fiz aqui uns trinta e sete Bois. Agora, o secretário está com uma proposta, ele tá propondo uma média de sessenta. Igualdade, todos os grupos né. Vai desaparecer tudo esse negócio. Todo mundo é uma coisa só. Porque na realidade, todo mundo tem despesa, tanto faz ser do maior quanto do menor... Porque despesa é muito alta. Na época passada, os componentes se aprontavam era mais fácil, mas hoje, pra fazer uma brincadeira, você tem que dá tudo. Todo preparo você tem que fazer, entregar pronto, além disso, você tem que agradar um pouquinho para cada um, então, a brincadeira ficou mais dispendiosa. Um preparo desse é muito caro, caríssimo, é. Uma brincadeira dessas ganha hum mil reais, tu não acredita mais pode apurar que vai dá isso, se de menos também é pouquíssimo. Então, essa é a beira. Então, se tornou difícil a brincadeira. Porque muitos dizem assim: só o Governo dá muito dinheiro, muito dinheiro; porque a mídia diz assim: o Maranhão tem tantos milhão pro folclore. Eu não pego esse dinheiro, quem pega não sei se dá. O secretário que pega esse dinheiro, ele não vai dá. Alguém vai ficar sem dinheiro, vai? Não vai. Principalmente no mundo que nem hoje em que convivemos. Então, uma sobradinha que ele vai dá pro Boi, a gente recebe e não reclama, não pode dizer nada. Agora, quem está de fora, diz assim: show! Ah, dá muito dinheiro, tem muito dinheiro coisa e tal. Agora, o que acontece, eu devo dez mil reais, um empréstimo que tive pra poder pra fazer a brincadeira, concluir. O dinheiro que a gente recebe, quando chega o dia do São João, o dinheiro já foi, acabou. Agora, cadê o dinheiro pra pagar as dívidas que estão abertas no comércio? A gente tem que comprar fiado nos comércios, tem que pagar também, não é. Agora, pra fazer o fechamento, pra concluir a brincadeira que é a matança que se fala, pra encerrar de ano para o outro, as despesas ficou aberto. Eu to devendo banco, não é fácil não. A salvação de alguns é o salariozinho de quinhentos reais, seiscentos reais, tirar do salário pra poder participar. É! As despesas são muito altas. Um frete de um carro pra conduzir as pessoas à noite, seja uma apresentação é quatrocentos, quinhentos reais. Se você fretar um carro cinco vezes, é o mesmo valor: quatrocentos. E assim! Você pra fazer um chapéu desses de cento e oitenta pontas de fita não é fácil e ainda tem elemento que deita em cima pra desbandalhar. Chapéu de fita de buriti amassa, se não tiver cuidado, quebra tudo. E, assim, a gente já faz porque a gente gosta, é como eu acabei de dizer, eu com 08 anos eu conheci a brincada, com 20 anos vim pra cá. Quando foi em 47, eu comecei a participar dessa brincadeira na Vila Passos que era o Mizico, Raimundo Ametério o nome dele, conhecido como Mizico. Então, quando foi em 69, ele faleceu, aí me chamaram, aí eu ia fazer um Boi de promessa, ia fazer no interior. Aí me disseram: faz aqui! Aí meu pai veio aqui, perguntou se eu não ia fazer o Boi, não! Eu tô parado, disse. Hei, rapaz faz o Boi. Você sabe, pai naquela época a gente não fazia o que queria, só fazia o que os pais ordenavam. Aí eu comecei desde 70 pra cá.

Que ano, mês e dia nasceu o Boi?

1920! Mais velho do que eu, eu sou de 25.

O fundador?

O Mizico, aqui em São Luís. Lá em Roma Velha, no fundo do Monte Castelo. Não sei o que aconteceu, mas lá eles se afastaram e fundaram esse Boi no João Paulo na casa de dona Tércia, depois de muito que vieram para a Vila Passos, aí ele fixou casa aqui, aí veio pra cá morar.

Como foi a sucessão das lideranças?

Não! Porque o Boi de dante, se bem que tem brincadeiras que participa com a ambição de dinheiro através de São João, porque eu prometi a São João que, enquanto vida eu tivesse, eu participava do bumba meu boi, começou pro aí, então, eu acho que eu estou na estrada. A mesma coisa foi o Mizico, pagando uma promessa da mãe dele e chegou o ponto que ele faleceu em 69; e em 70 já foi comigo. E aí a gente vai levando devagar.



Porque boi de zabumba?

Porque o boi de zabumba, ele é uma herança dos nossos bisavôs, tataravôs. Porque não existia Boi no Brasil, mas existia no Maranhão. No tempo da escravatura que vendia os negros da África para o Brasil, então, eles trouxeram aqui para o Maranhão, porque aqui não era cidade, a cidade era em Alcântara na época, então no decorrer do tempo sempre tinha um que se deve se dedicar a uma coisa: um pra estudar, pra ser doutor, pra ser médico, ser advogado, aquela coisa toda. Então os negros, se dedicaram em fazer Boi. Aqui eles ensinaram e Guimarães participara em fazer Boi de Guimarães e em Guimarães puxou! Guimarães. Então nós não viemos aprender aqui, aprendemos em Guimarães, tanto o Mizico como eu e muitos outros. E a gente vem dando continuidade.

Qual o grupo a que a sua brincadeira faz parte?

O grupo B. Mas nós conversamos com o secretário de cultura e ele vai acabar com isso, todo mundo de modo geral, o que de pra um é para todos não tem mais esse negocio de mais nem menos.

Quando a brincadeira se inseriu nessa categoria e qual o grupo que a mesma fazia parte antes desta?

Não, porque não existia.

E quando passou a existir?

Não me lembro bem. Eu sei que quando nós tivemos uma federação, a Associação de Defesa do Folclore do Maranhão, primeiro era tudo igual, não tinha tamanho, não tinha negócio, era a Maratur, aí depois botaram... Acabaram com a Maratur, passou para a secretaria, ela ainda existia, mas não se promovia na época. Aí veio esse negócio de grupo A, B... Mas eu sempre fui contra, contra porque as despesas são muitas, se gasta muito e agora o secretário achou... E eu achei bom! Acabar com esse negócio de grupo A, grupo B, isso dá problema mesmo, tem contabilidade pra isso, atrapalha.

Quais os critérios que leva um Boi a estar no grupo A, B, C?

Não, é porque... É como se diz: eu calculo assim, você chega como um pobre e um rico. O rico tem mais dinheiro, o pobre não tem nada. Tem um que tem uma média entre um e outro. O secretário diz que tem que ser em pé de igualdade.

Houve alguma dificuldade na criação da brincadeira?

De ter tem, é como se diz: a pessoa não tem dinheiro pra compra o material. É como eu estou te falando, eu tô devendo na faixa R\$ 10. 000 né, e a gente pra não passar vergonha, a gente tem que se empenhar.

Como foi o processo de organização da brincadeira? Organização referente à produção das confecções da roupa, do couro do Boi?

Eu, por exemplo, não trouxe nada de lá, tudo é criação daqui, porque eu achava que é melhor ir fazer com que tinha que fazer pra não dizer que eu herdei alguma coisa de alguém. A criação eu não sei como fizeram, eu não tinha nada a ver, só brincava, agora depois que eu passei a organizar é que foi outra coisa. A nossa roupa é vermelho e branco. É camisa branca e calça vermelha, as cores são desde o início, não mudamos, porque eu já conhecia as cores. Realmente nós usamos agora o chapéu, a gola varia porque são efeitos, é branco, é vermelho, é amarelo, é verde, é azul. A confecção do couro é fora, é em Guimarães.

O transporte como é realizado?

Quando eu vou levar o material pra lá, eu vou de ônibus, porque agora a estrada, abriu as estradas, a gente vai direto até lá organizar. Ajuda também as correspondências através de telefone, aquela coisa toda, se tem qualquer coisa irregular no desenho ou a pessoa varia um pouco no desenho, eu tenho que ir lá pra explicar. É! É um trabalho em dobro viu, é trabalho em dobro. A gente tem que está sempre se comunicando. Saber como está aí, saber do material, tá faltando material ou não, aí fica naquela vida, é um trabalho... Como se diz, trabalhar no folclore do Maranhão, eu acho que em todo folclore, é um serviço em dobro, serviço em dobro porque você não pode dar atenção só em um, são várias coisas que tem que fazer: é polônia, é gola, é couro de Boi, é chapéu... É serviço em dobro, e aqui só é eu. Eu montei até uma oficina aqui para ensinar umas crianças, meninos da rua que não tem o que fazer, parei por falta de condição, de dinheiro, empacquei mais ou menos com R\$ 2.000, até empacado com material, parou, material pra fazer cordão de tambor de crioula, que aqui é tambor de crioula, tambor de mina. Aqui é um monte de coisa a respeito do folclore do Maranhão. Aqui tem gente que não tem condição financeira pra manter. Gente corre pro lado, corre pro outro, ninguém ajuda. É um trabalho fechado o nosso. Se faz porque tem força de vontade de fazer. Porque só faz quem tem força de vontade, quem não tem não faz.

Houve alguma mudança na brincadeira depois desses Vivas?

Não. Na verdade antes na brincadeira tinha mais atividade, mais amor, hoje não como se diz os participantes só vem



atrás do dinheiro. Tradição! isso não leva a nada, a brincadeira era mais concreta, mais segura se esforçava mais, hoje não.

Qual a sua ideia de cultura e como o boi de Zabumba se encontra nesse contexto?

Olha, o que eu entendo da coisa de acordo com os anos que eu tenho, o Boi de Zabumba não o Boi de outrora e pra que conhece o que é o folclore, vai dizer a mesma coisa. Porque hoje o que se vê pra nós do Maranhão, que somos acostumados com o folclore do Maranhão, o que está levando a melhor com todo o respeito são as brincadeiras que se apresentam pra mostrar, desculpem o corpo dos participantes, as meninas vestidas de índias. Eu tive aqui, existia uma brincadeira ali que não vou dizer o estilo, o pessoal não ligava pela brincadeira, ligava pelas vestes, uma saíinha bem curtinha assim. Quando as meninas faziam um gesto, parecia à sunga e todo mundo gritava. Eu não sou assim, gosto de coisas adequadas. Cultura ela fica em tudo. Em primeiro lugar, que bota os técnicos que não tem o conhecimento da realidade da brincadeira, tem que bota técnico que tem conhecimento e objetivo, e não tem. É técnico de quê? Tem que comprovar! Mas as coisas muda, eles fazem como quê! Deveriam colocar pessoas quem tem conhecimento do negócio.